



O BRASIL RURAL E O IMAGINÁRIO INFANTIL

Clara Etiene Souza Lima¹

RESUMEN:

BRASIL RURAL Y EL IMAGINARIO INFANTIL

Este trabajo pretende demostrar cómo las imágenes creadas por Monteiro Lobato en su obra literaria iniciada en 1920, continúa hasta hoy definiendo la identidad nacional del Brasil, uniendo la realidad del interior del país con pinceladas de lo fantástico-maravilloso.

Palabras claves: imaginario, identidad, Monteiro Lobato, imagen, infante.

ABSTRACT:

RURAL BRASIL AND CHILD IMAGERY

This work aims at demonstrating how the images created by Monteiro Lobato in his literary work began in 1920 is a referent for Brazilian identity until today, joining reality inner part of the country with brushes of the magical world.

Key words: imagery, identity, Monteiro Lobato, image, infant.

RESUMO: *Este trabalho pretende demonstrar como as imagens criadas por Monteiro Lobato, em sua obra literária iniciada em 1920, continua até hoje é a marca da identidade nacional do Brasil, unindo a realidade do interior do país com pitadas do fantástico-maravilhoso.*

Palavras chaves: imaginário, identidade, Monteiro Lobato, imagem, infantis.

O título deste ensaio omite o nome de um dos homens mais inteligentes que nos presenteou com sua literatura no Brasil. Se propositalmente esquecido no título, ao longo dessa reflexão nos ocuparemos tanto de sua obra como em alguns momentos de sua vida, para ressaltar sua importância singular para a formação e também (re)conhecimento da identidade nacional brasileira. As histórias infantis inventadas por esse gênio humano saem do imaginário individual e passam a representar símbolos de brasilidade.

O criador desse universo mágico, sempre engajado às questões relativas à nação brasileira, surpreende-nos ainda hoje, tamanha atualidade de suas reflexões datadas desde a primeira metade do século passado. José Bento Marcondes Monteiro Lobato, ou como ficou conhecido, Monteiro Lobato, é uma figura exemplar do que se pode chamar de genuíno, pois nunca se esquivou das mazelas nacionais, manifestando profunda consciência social e política de sua nação.

Segundo o estudioso Cassiano Nunes (1984, p. 101), o mito Monteiro Lobato, ao abraçar as causas nacionais, tornou-se uma bandeira de utilidade pública e *conseguiu não só demonstrar com clareza e força a sua crença, mas ainda tornar os outros –leitores admiradores– fervorosos crentes*. Se por um lado foi reconhecido por uma elite intelectual renomada, por outro ganhou a popularidade por meio da publicação de sua obra literária, sobretudo

¹ Souza Lima, Clara Etiene, Universidad de Brasilia, Brasilia DF, Brasil.

por sua literatura infantil, da qual nos ocuparemos neste ensaio. No campo político, defendeu várias causas em nome da autonomia brasileira, dentre elas, as mais significativas foram as questões do aço e do petróleo. Entretanto, mesmo com tanta dedicação e tamanho reconhecimento, reunindo diversos segmentos em um só grupo de leitores e admiradores, Lobato não foi poupado dos desmandos ditatoriais do Governo Vargas, tendo sido preso por três meses, depois de escrever uma carta ao próprio Vargas denunciando as incoerência e patifarias vigentes na época.

É da mente desse cidadão engajado e polêmico, totalmente comprometido com a realidade de seu tempo, que surgiram os personagens infantis que revolucionaram a literatura infantil brasileira. Nos estudos das correspondências trocadas com alguns amigos, é possível verificar que, desde 1916, o escritor já revelava a intenção de produzir uma literatura para as crianças que falasse das coisas próprias da nação brasileira. Lobato entendia que era preciso fazer algo pela literatura infantil brasileira em caráter de urgência, dá-lhe forma com as referências nacionais:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. [...] A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento, dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral, traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato –espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. (Lobato, Monteiro, “Correspondência a Godofredo Rangel”, em 8/9/1916, *apud* Coelho, Nely Novaes, p. 227)

É respondendo a essa carência que nascem as histórias que serão vividas no Sítio do Picapau Amarelo, produção que desde sua primeira história, *A menina do Narizinho Arrebitado* (1921), conquistaria grande sucesso junto ao público infantil, que desde então conseguiria se identificar com histórias tão similares ao cotidiano de suas vidas. Os castelos, e toda uma gama de costumes e objetos que inconscientemente apregoavam valores postíços no imaginário das crianças brasileiras, passaram a compartilhar as prateleiras de livros junto a textos construídos com as imagens do Brasil rural, com elementos simples, porém envoltos de grande magia, como é o caso da boneca de pano, do sabugo de milho, dos animais da mata e das lendas nacionais.

Por meio da criação de suas histórias e personagens, Monteiro Lobato respondia à demanda do público infantil brasileiro. O Sítio do Picapau Amarelo é o lugar mágico no qual tudo é possível. Os componentes que servirão de matéria prima para suas personagens são elementos da vida cotidiana da grande maioria das crianças brasileiras, por isso essa obra alcança sucesso em tão larga escala, afinal, qualquer criança poderia se imaginar, por exemplo, manuseando um sabugo de milho que, por um passe de mágica, ou por força imaginativa, poderia virar qualquer coisa, e por que não um boneco chegado aos estudos matemáticos?

Em vários momentos da narrativa infantil lobateana, o tema a ser explorado é o próprio imaginário, mas não mais aquele que falava de sótãos, torres, princesas, mas um imaginário repleto de imagens da vida simples e conhecida da maioria dos brasileiros. Com as histórias de Narizinho, a literatura infantil brasileira inaugura uma nova fase, mais autêntica, divertida e próxima das crianças do Brasil.

A literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia tão somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando freqüentemente, as lendas e tradições aparecidas aqui, para apanharem nas tradições européias o assunto de suas historietas. (Cavalheiro, Edgard, *apud* Coelho, Nely Novaes. p. 223)

O Sítio do Picapau Amarelo é o espaço das possibilidades, duplicando com isso o espaço do ficcional, que eleva o imaginário à sua máxima potencia, por meio da imaginação de seus personagens mirins. Na abertura do *Picapau Amarelo*, Lobato escreve: “*o que existe na imaginação de milhares de crianças, é tão real como as páginas deste livro*”. A criança não só protagoniza a cena, como participa do processo de construção do enredo. No trecho abaixo, retirado de *O casamento de Narizinho*, Lobato mescla imaginação, sonho e fantasia:

- “Mas quem é que fabrica esta fazenda, dona aranha? –perguntou... (Emília)
- Esta fazenda é feita pela fada miragem –respondeu a costureira.
- E com que a senhora a corta?
- Com a tesoura da imaginação.
- E com que agulha a cose?
- Com a agulha da fantasia.
- E com que linha?
- Com a linha do sonho”.

Diálogos altamente articulados como esse, levantam uma discussão sobre o mundo das imagens, o espaço onírico e a fantasia. Trata-se de uma metaficção, o que chamaremos de duplicação ficcional. Para Deleuze o imaginário nada tem a ver com a irrealidade, mas como um conjunto de trocas entre uma imagem real e uma virtual, como uma indiscernibilidade entre o real e o irreal. Em várias passagens das estórias do sítio, o leitor é lançado a essa virtualidade, aos muitos possíveis e atualizáveis. Estando no Sítio do Picapau Amarelo é possível ir à Grécia, é possível dialogar com Peter Pan, é possível ter preso numa garrafa um saci, entre tantas outras lendas, histórias e ficções que se enredam.

Tais passagens nada ficam a dever aos melhores escritos de Lewill Carrol, o consagrado autor de *Alice no País das Maravilhas*, considerado papa do “realismo mágico”. Monteiro Lobato coloca o *sonho* e a *realidade* num mesmo plano, e o faz com tal competência que por vezes é impossível diferenciá-los em sua prosa. No entanto, se analisarmos atentamente e com persistência os elementos de sua narrativa, pode-se perceber que tudo está lá bem colocado, e algumas vezes, como o resultado de uma equação imagética de experiências, que ao serem identificadas e subtraídas da obra, revelam como resultado a própria vida. Ou melhor, as experiências vividas pelo próprio Lobato, ou mesmo as projeções de seu desejo de contribuição à cultura brasileira.

Segundo Alfredo Bosi, a imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. Para ele, o sentido da imagem pode ser captada e depois revelada por meio do sonho e da reminiscência. Mas, acrescentamos também a criação ficcional como espaço de resgate e projeção de imagens outrora registradas. E é isso o que acontece no caso do texto infantil lobateano.

Investigando algumas biografias de Monteiro Lobato fica evidente que suas experiências de infância, na fazenda com os pais, e inclusive aquelas passadas na fazenda do avô em Taubaté, serviram-lhe de matéria-prima para a criação de seus personagens.

No trecho extraído da biografia escrita por Marisa Lajolo (1985, p.12-13), fica clara a influência dos dias da infância em sua criação literária. *Na visita à casa do avô –conta mais tarde– fascina-o a biblioteca: os livros, em particular os ilustrados [...]. Compensando a rigidez das relações afetivas com o pai austero, Juca tem imensa ternura pela avó materna.* Mas o menino desde cedo entendia as questões de classe, pois sua querida avó materna vivia em uma casinha distante dali.

Lobato passa sua infância no interior de Taubaté em uma fazenda chamada Santa Maria, mas após a morte dos pais, vai viver com o avô, o visconde de Tremembé, que assume sua criação. Ao criar os personagens do sítio, Lobato recupera sua própria infância e coloca-se diante de um público bastante exigente, o infantil; ao fazer isso, une imaginação e conscientização, circulando pelas suas obras os valores nacionais e morais com didatismo refinado. Lá nas terras do sítio vamos encontrar dona *Benta* –nome próprio feminino, derivado de Bento–, a querida avó de Lúcia, a Narizinho; possível atualização da imagem guardada em seu imaginário da própria avó materna.

“Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: –Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...” (Apresentação da personagem no primeiro parágrafo do livro *Reinações de Narizinho*).

Mas quem pensa que dona Benta vive triste engana-se, ela vive com sua amada netinha. Assim como esse apontamento na narrativa ficcional pode ser uma referência à amada avó da infância do menino Bento, várias são as referências possíveis de serem alinhavadas no entrecruzar das imagens que, uma vez captadas na realidade, transfiguram-se para a ficção com roupagem nova, mais maravilhosa, cheia de truques e espelhamentos.

Esse jogo de duplicação e atualização de imagens encontra seu ápice na figura do Visconde de Sabugosa. Criado pelas mãos de tia Nastácia, este personagem é um sábio. Nasceu de um sabugo de milho e vive sendo escravizado por Emília, que não respeita sua sapiência, fidelidade e nobreza. O Visconde de Sabugosa, a exemplo do que fazia o próprio Monteiro Lobato na sua infância, passa horas e horas recluso na biblioteca examinando e lendo livros. As idéias mais bem elaboradas sempre vêm de suas reflexões.

Analisando a figura do Visconde e Sabugosa como uma imagem projetada pelo imaginário do homem Monteiro Lobato, voltamos à sua infância. Para Lacan, o imaginário seria um aspecto fundamental da construção da subjetividade. O imaginário corresponderia à fase do espelho, ao reconhecimento de si que a criança pequena opera ao descobrir o seu reflexo. Ao mesmo tempo em que a imagem no espelho afirma a realidade do eu, é insinuado também o seu caráter de ilusão, já que é apenas um reflexo.

O Visconde de Sabugosa, analisado sob a ótica de Lacan, pode ser então o espelho de Monteiro Lobato do passado, projetado no presente ficcional de maneira bastante ilusória. Talvez seja por isso que esse personagem seja, junto com a boneca de pano, a exigência vigente, ao longo de toda a obra, da presença do imaginário. O imaginário está tanto no ato de concepção do enredo, como faz-se seu tema.

Para as crianças criadas no meio rural do Brasil, o sabugo de milho apresenta-se como a possibilidade de realização de vários desejos. O sabugo de milho pode virar uma

carrinho, uma boneca, um soldado, ou qualquer coisa que o imaginário infantil queira, posto que ali está um pedaço de matéria altamente virtual, como um dado que nos oferece várias faces prontas a atualizar-se a cada nova jogada. Monteiro Lobato escolheu para dar identidade ao seu sabugo, a imagem do intelectual que vivem em meio aos livros, possivelmente uma projeção de seu ego.

Com a aproximação do mundo cotidiano da criança ao mundo imaginário da ficção, Lobato, assim, atinge dois alvos de uma só vez: ao mesmo tempo que dá nova vida à fantasia infantil, inicia um processo, até então inédito, de formação da identidade nacional da criança por meio da literatura que resgata o Brasil rural tão próximo de todas as camadas sociais do Brasil. No Brasil do início do Séc XX, as pessoas que não habitavam o meio rural, mesmo tendo ir morar nas cidades, ainda mantinham, como ainda hoje mantêm, forte laço afetivo com esses lugares, pois em sua maioria são descendentes de trabalhadores do campo.

Nesse jogo de aproximação da realidade rural brasileira com o imaginário infantil, Lobato fez com que sua obra fosse lida e divulgada por todo território nacional e até pelo exterior. As crianças do Brasil liam e se encantavam com as histórias do Sítio do Picapau Amarelo, passando a compreender um pouco de seu país por meio da própria literatura infantil, formando desde pequenas sua identidade nacional.

Hoje entendemos que, de imagens, os personagens de Lobato tornaram-se símbolos. Segundo Lacan, o simbólico seria coletivo e cultural; ao passo que o imaginário seria individual e ilusório. Importa dizer que no processo de criação dos símbolos nacionais brasileiros por parte das crianças brasileiras, há vivo o imaginário de Monteiro Lobato. Os supereróis do Sítio não têm superpoderes, mas são dotados de forte imaginário e de características próprias do viver brasileiro, tal como seu autor. O cidadão Monteiro Lobato faz-se presente na ficção por meio de seus personagens, mantendo sua consciência crítica diante dos problemas brasileiros:

“Através de Emília diz tudo o que pensa; na figura do Visconde de Sabugosa, crítica os sábios que só acreditam nos livros já escritos. Dona Benta é o adulto que aceita e aprende com a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo. Tia Nastácia é o adulto sem cultura que vê no desconhecido o mal e o pecado. Narizinho e Pedrinho são o eterno espírito infantil, abertos a tudo, desejando ser felizes, confrontando suas experiências com o que os mais velhos dizem e nunca deixando de acreditar no futuro”. (Manoel Victor Filho -1970)

Atualmente, verificando em livrarias e em *sites* de compras de livros, as obras infantis de Monteiro Lobato não são de fácil acesso, grande parte consta como esgotada, mas na maioria das bibliotecas, particulares ou públicas do Brasil, se minimamente bem montadas, há pelo menos um exemplar da literatura infantil de Monteiro Lobato. No entanto, desde que sua obra fora adaptada para a televisão, o seriado infantil “O Sítio do Picapau Amarelo” em versões não totalmente fidedignas, mas bastante representativas, talvez sejam as referências mais fortes que tenhamos de brasilidade voltadas às crianças brasileiras.

Uma vez divulgadas ao longo de todo território nacional, as imagens divulgadas pela obra de Lobato atualmente se sobrepoem à própria realidade que teria lhes dado vida. O berço das imagens que povoaram o imaginário de Monteiro Lobato ao longo de sua infância em Taubaté, a casa em que viveu, hoje é endereço do Museu Lobato.

O Museu, como se sabe, guarda consigo a memória cultural de um povo. Ou seja, voltamos ao arquivo das imagens: a memória. Em outras palavras, as imagens guardadas na memória do autor, habitam su imaginário, depois multiplicam-se no imaginário coletivo, tornando-se símbolos, ícones de uma nacionalidade que se reafirmará ao longo da história de seu povo.

BIBLIOGRAFÍA

- Bosi, Alfro** (2000): “Imagem, discurso” in *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Coelho, Nely N.** (1991): *Panorama histórico da literatura infantil brasileira. Das origens indo-européias ao Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Atica.
- Deleuze, Gilles** (1992): *Conversações*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- Durand, Gilbert** (1997): *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo, Martins Fontes.
- Edgard, Cavaleiro** (1955): *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Lajolo, Marisa** (1985): *Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense.
- Lobato, Monteiro** (1955): *Reinações de Narizinho*. São Paulo, Brasiliense.
- Lobato, Monteiro** (1965): *O picapau amarelo e a reforma da natureza*. São Paulo, Brasiliense.
- Nunes, Cassiano** (1984): *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília, Theasurus.
- Nunes, Cassiano** (1998): *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- Rocha, R.; Lajolo, M.; Maranhão, R.** (1988): *Monteiro Lobato*. São Paulo, Nova Cultura.